



OLIVIA BEIRNE



A lista que mudou minha vida

*Às vezes, tudo o que você precisa
é de um empurrãozinho...*



*“Hilário!
Fãs de Jojo Moyes
e Sophie Kinsella
vão se apaixonar
por este livro.”*

OLIVIA BEIRNE

**A LISTA QUE
MUDOU
MINHA VIDA**

Tradução:
Monique D'Orazio

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020

COPYRIGHT © 2018 OLIVIA BEIRNE

FIRST PUBLISHED IN EBOOK IN 2018 BY HEADLINE PUBLISHING GROUP

FIRST PUBLISHED IN PAPERBACK IN 2019 BY HEADLINE PUBLISHING GROUP

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **DANIEL RODRIGUES AURÉLIO**

Revisão **BÁRBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Ilustrações de capa **BISCOTTO DESIGN | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beirne, Olivia

A lista que mudou minha vida / Olivia Beirne ;
tradução de Monique D'Orazio. — 1. ed. — Barueri, SP :
Faro Editorial, 2020.

304 p.

Título original: The list that changed my life

ISBN 978-65-86041-32-3

1. Ficção inglesa I. Título II. D'Orazio, Monique

20-2748

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. 1. Ficção inglesa



1ª edição brasileira: 2020

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868

www.faroeditorial.com.br

CAPÍTULO UM

16 DE MARÇO

Amy vem com a mão para cima de mim e eu estremeço.

Não. Por favor, não. Por favor, só me deixe aqui. Não consigo mais me levantar. Se tiver que fazer mais algum polichinelo, vou vomitar.

— Vamos! — ela grita. — Você consegue!

Eu pisco para ela, meu peito espremendo o oxigênio para fora de mim como se eu fosse um tubo vazio de pasta de dente.

Se a causa da minha morte for Zumba, vou ficar furiosa.

— Não — respondo categoricamente. — Não aguento. Pra mim já deu. Vou pra casa.

Será que ela não consegue enxergar que eu estou quase morrendo? Sinto como se estivesse prestes a ter um ataque de asma — e eu nem sou asmática.

Amy levanta as sobrancelhas para mim.

— Levante-se. Você está me fazendo passar vergonha.

Faço uma careta... Estou me sentindo um lixo. Achei que exercícios físicos serviam pra fazer a gente se sentir bem! Isso é tipo quando Amy tentou me dizer que não dava para sentir a diferença entre o gosto de pão branco e de pão integral. Ela me disse que Zumba era *fácil*.

Amy se agacha na minha frente.

— Vamos, Georgia — ela diz —, a questão é fazer a mente dominar a matéria. Levante-se.

— Não — eu digo antes que consiga me conter —, é muito difícil. Você é melhor que eu nisso, Amy. Você é sempre melhor.

Amy se inclina para a frente e me puxa até eu ficar em pé. Eu tropeço sem a menor elegância.

Puta que pariu, como ela é forte.

— Não, eu não sou — ela diz com firmeza. — Eu só tenho uma mentalidade melhor do que a sua. Você tem que ir lá e agarrar a vida com as próprias mãos, Georgie. Estou cansada de te ver deixar o mundo passar pela janela enquanto você fica com a bunda sentada vendo tv.

Bufo com indignação.

Isso é uma baita injustiça. Eu não passo minha vida inteira vendo tv.

Abro a boca para protestar, mas Amy ataca primeiro.

— Agora coloque seus peitos pra dentro de novo. — Ela se vira para a frente, e eu, a contragosto, faço o mesmo. — Vamos começar as flexões.

Ah, maravilha.

DOIS MESES DEPOIS

— Oi — eu digo —, você poderia me dizer, por favor, em qual quarto minha irmã está? O nome dela é Amy Miller.

Meu corpo estremece quando ouço as palavras saírem da minha boca. Minha irmã está no hospital. Estou aqui para ver minha irmã, no hospital.

A recepcionista olha para mim de relance e depois volta para a tela do computador. Ela digita alguma coisa, e eu continuo com os olhos fixos nela, desesperada para ler sua expressão facial e encontrar algum tipo de pista. Eu não tenho muita experiência com hospitais. Eu realmente nunca precisei ir a um antes. A gente só precisa ir se houver algo de errado. Felizmente para mim, nada nunca esteve tão errado na minha vida.

Até agora.

Olho no meu relógio.

Onde ela está? Ela está aqui em algum lugar. Eu sei que está. Minha mãe disse que seria fácil de encontrar.

A recepcionista mira seus olhos indiferentes em mim.

— Ela está no ambulatório, no quarto andar.

Um sopro contido de ar dispara para fora de mim.

— Obrigada — digo rapidamente e corro pelas escadas.

Amy sempre esteve bem e Amy não está bem. Começou há algumas semanas; ela começou a perder a sensibilidade dos dedos e a ter dificuldades para segurar qualquer coisa. Então, na semana passada, ela caiu. No dia seguinte, ela foi fazer exames de sangue e depois não conseguiu ficar em pé. Disse que estava cansada demais. Amy nunca está cansada demais para nada.

Hoje ela vai receber os resultados. Ela precisava ir ao hospital para buscá-los. A gente só precisa ir ao hospital se houver algo de errado.

Eu viro em um corredor, meus olhos ardendo.

Ela está bem. Ela vai ficar bem. Ela tem que ficar bem. Ela está sempre...

— Georgia!

Dou um pulo quando esbarro em Tamal, o namorado de Amy. Meus olhos se fixam nele e sinto um pouco de alívio.

Eles ainda estão aqui. Não cheguei tarde demais.

— Tamal — ofego. — Oi, desculpe. Onde está Amy? Ela está bem?

Os olhos de Tamal disparam entre o meu rosto e a sala atrás de mim. Tento ler sua expressão, mas ela permanece imóvel.

— Ela está lá — diz ele, apontando para a porta atrás de mim.

Balanço a cabeça em agradecimento e atravesso a porta. Quando entro, todo o ar do meu corpo desaparece.

O ambulatório tem um tom fosco de amarelo-claro e há várias cadeiras marrons espalhadas nos cantos. A parede está repleta de pinturas e há uma pilha de brinquedos infantis cansados, amontoados. Meus olhos disparam pelo ambulatório desesperadamente até eu ver Amy encolhida em um sofá no canto mais próximo da janela. Corro até lá.

— Ei, Amy — eu digo sem fôlego. — Você está bem? Desculpe, vim o mais rápido que pude.

Pego uma cadeira e caio nela. Amy levanta os olhos para mim, sua boca se contorcendo em um sorriso ao me ver.

— Então você achou fácil? — ela pergunta, num tom leve.

Reviro os olhos.

— Sim — eu digo —, mais ou menos.

Não vou dizer que quase fui parar na maternidade.

Amy sorri, entrelaçando as mãos debaixo das pernas dobradas e puxando-as para perto do peito.

— Se bem que não faço ideia de onde estacionei — acrescento, com minha cabeça girando ao redor da sala como se o carro pudesse ter me seguido. — Apenas larguei lá. Acho que foi no setor J?

— Não há setor J, Georgia. — Amy sorri. — O estacionamento é organizado em números.

Eu olho para ela, perplexa.

— Ah, que ótimo — murmuro.

Então onde diabos foi que eu estacionei o carro?

— De qualquer forma, tenho o tíquete aqui em algum lugar. — Gesticulo para meu caderno, lotado de páginas grossas.

Amy olha para baixo.

— Deus... — ela diz. — Você ainda tem essa coisa?

Passo os dedos carinhosamente sobre a capa vincada.

— Sim — eu respondo. — Não sei o que vou fazer quando o espaço acabar. Tem tudo aqui dentro. Acho que é mais importante que o meu rim.

Amy percebe minha expressão e sorri com a boca encostada na manga da blusa. Eu sorrio também. Há um silêncio enquanto ela se readapta ao sofá e seu sorriso desaparece.

Eu me mexo, desconfortável. Olho para Amy e percebo seus olhos atormentados, evitando os meus.

Forço as palavras para fora da minha boca.

— O que eles disseram?

Meus olhos procuram o rosto de Amy enquanto sinto o estômago revirar. Meu corpo fica tenso no silêncio.

Amy sempre foi a versão mais bonita de nós duas. Como irmã mais velha, é como se ela tivesse todos os melhores genes e eu tivesse sido criada com as sobras. Ela tem um rosto em forma de coração, lábios pequenos franzidos e olhos profundos e ovais. Seu cabelo castanho varre a testa e desce ondulando pelas costas, e ela tem um

salpicado de sardas idênticas por todo o nariz. Eu a observo roer as unhas. Então, de repente, ela respira fundo e senta-se ereta.

Fico tensa.

— Eu tenho EM.

Fico suspensa no tempo.

O quê?

Não sei o que isso significa. Não sei o que isso é. O que isso significa?

Amy chama minha atenção e sorri, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Esclerose múltipla — ela acrescenta.

Sinto meu corpo afundar na cadeira, meus ossos parecendo tão frouxos quanto fios de espaguete.

— O que é isso? — pergunto.

Amy passa os dedos pelos cabelos, as mãos trêmulas.

— É uma doença que significa que meus nervos não estão funcionando corretamente. Ou o revestimento, ou algo assim. Os sinais que meu cérebro está enviando não conseguem passar. É por isso que me sinto tão cansada e fico caindo.

— É fatal?

As palavras de pânico caem da minha boca antes que eu possa detê-las, e o choque delas faz meus olhos arderem. Meu peito dói sob a tensão e pisco rapidamente antes de encontrar os olhos cinzentos e vigilantes de Amy.

Há algo de errado. Eu tinha tanta certeza de que não haveria nada errado.

Amy sorri.

— Não — ela diz —, mas é permanente. É algo com o qual eu tenho que viver.

— Tem tratamento?

Amy inclina a cabeça.

— Até certo ponto. — Ela pega minha mão e enlaça os dedos nos meus. — Não estou morrendo, então pare de fazer essa cara de quem está compondo meu discurso fúnebre. É apenas um modo de vida diferente. Essas são apenas as cartas que eu tirei para jogar. Tenho que olhar para o lado bom.

Sustento o olhar de Amy e, enquanto o faço, meus olhos ardem.
— Como você pode ser tão positiva? — eu consigo dizer.
Amy aperta minha mão, seus olhos brilhando para mim.
— O que mais eu posso fazer?

* * *

— Chá?

Minha cabeça se levanta ao som da voz do meu pai. Sinto como se estivéssemos sentados em silêncio por horas, vendo *MasterChef* sem pensar.

— Eu faço. — Minha mãe se levanta, sua cabeça girando na sala e observando todos nós.

Tento me reclinar de volta no sofá, minha pele fervilhando de ansiedade. Amy está dobrada na poltrona, ao lado de Tamal. Seu cabelo está preso atrás das orelhas e as mãos foram engolidas pelo grande e trêmulo pulôver, folgado em seu corpo rígido.

É seu agasalho da faculdade. Ela só o veste quando está doente — o que ela nunca está. Ela nunca está doente.

— Ah, olha. — Meu pai ri, apontando para a tv. — É assim que sua mãe faz.

Volto os olhos para a tv, e Tamal inclina a cabeça em concordância.

— Amy — mamãe chama da cozinha —, que leite você quer? É esse de aveia?

Amy se empurra para a frente e se levanta.

— Vou ajudá-la — ela diz.

Todos os nossos olhos seguem Amy para fora da sala e eu enfrento o desejo de ir atrás dela. Tamal cruza os braços sobre o peito, o rosto tenso.

Aproveito a oportunidade e rapidamente passo para o assento vazio de Amy. Tamal me avalia e sorri. Tamal é enfermeiro desde que o conhecemos.

— O que você sabe sobre a EM? — pergunto baixinho, meus olhos correndo nervosamente para a porta. — Não tive chance de falar com ninguém no hospital.

Meu pai olha em nossa direção e depois de volta para a tv, fingindo não ouvir. Percebo o corpo de Tamal tenso com a minha pergunta; seus olhos oscilam brevemente em minha direção e depois voltam para a tv.

— Hum... — ele diz. — Bem, é um quadro neurológico...

— O que isso significa? — interrompo, cada parte de mim se contorcendo de medo.

— Tem a ver com os nervos — ele diz. — Tem a ver com o seu sistema imunológico não funcionar corretamente. Para cada pessoa é diferente; para alguns, não tem efeitos severos. O revestimento que protege os nervos fica danificado; então, quando o cérebro envia mensagens aos nervos, essa alteração pode afetar a capacidade de resposta do corpo. Pode...

— O que você está fazendo?

Eu pulo ao som ríspido da voz de Amy, quando ela reaparece na porta. Seus olhos se estreitam para mim, e noto que sua mão está curvada em torno da maçaneta da porta.

Pisco sem palavras para ela.

— Eu só estava perguntando sobre EM — murmuro, voltando para a minha cadeira.

— Por que você está perguntando ao Tamal? — Amy diz friamente. — Por que você não está perguntando a mim?

Meu coração afunda no peito.

Amy ficou em silêncio durante todo o caminho de volta do hospital. Todos nós ficamos.

Não posso perguntar a ela porque não quero. Não quero perguntar a ela sobre estar doente, porque não quero que ela esteja doente.

Enquanto o silêncio se expande pela sala, espero que Amy tenha abandonado o assunto, mas seus olhos ainda estão fixos em mim.

— Você pode me perguntar — ela diz com firmeza. — Não é um problema tão grande assim. Você não precisa perguntar sorrateiramente pelas minhas costas.

— Eu não estava...

— Não comecem a ficar falando sobre mim.

Sua voz me impacta e sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

— Não era isso — consigo dizer.

— Georgia! — minha mãe chama da cozinha. — Você pode vir me ajudar a levar isso?

Levanto-me quando Amy vira a cabeça na direção de mamãe, que reapareceu na porta, carregando duas canecas.

— Eu posso ajudar — Amy declara de modo acusador. — Estou bem aqui.

Os olhos de mamãe voam para mim nervosamente.

— Está tudo bem, amor. A Georgie pode ajudar. Algumas canecas estão bem cheias.

— E daí?

Sinto um espasmo no meu peito quando Amy olha feio para mim. Ela se aproxima e pega uma caneca de mamãe com tanta força que a água fervente espirra em seu braço. Vejo o rosto de Amy vacilar sob a dor, mas ela invoca suas forças para se manter firme e vem a passos largos na minha direção, o braço tremendo. Sua boca está cerrada quando ela coloca a caneca pingando sobre a mesa e olha de volta para mamãe.

— Viu? — ela diz com irritação. — Estou bem. Eu consigo carregar uma maldita xícara de chá... — Ela lança outro olhar venenoso em minha direção e sai da sala. — Estou bem.